

A Serra Grande de Caraumã, no Rio Branco: Notas sobre um marco natural e histórico de Roraima (séculos XVIII-XX)

DOI: <https://doi.org/10.24979/makunaima.v4i1.1064>



Prospecto da grande Serra do Caraumã, sobre a margem Oriental do Rio Branco, na distância de 91 léguas da sua foz.

André Augusto da Fonseca
Universidade Estadual de Roraima / UERR
<https://orcid.org/0000-0003-2747-3855>

Prospecto da grande Serra do Caraumã, sobre a margem oriental do Rio Branco; na distância de 91 léguas da sua foz, por José Codina, 1787 (FERREIRA, 1971).

RESUMO

Embora situada próxima à capital de Roraima, Boa Vista, a Serra Grande de Caraumã ainda se apresenta como uma área natural relativamente bem preservada, o que a torna uma atração turística local importante. Formação granítica com uma altitude de aproximadamente 900 metros, sobranceira a uma região muito plana de savanas com uma média de 80 metros, sempre foi um acidente geográfico notável na paisagem para todos os viajantes, tendo sido registrada em relatos de viagem pelo menos desde a primeira metade do século XVIII e fartamente representada na cartografia desde então. Do ponto de vista etnohistórico, este artigo utiliza a cartografia colonial e relatos de viajantes para reconstruir a trajetória de quase completo apagamento do topônimo de origem Carib (Caraumã, ou Karau-Tepö, incluindo o pico de Araraquara). Tida como área de potencial interesse econômico no período colonial por suas madeiras, aves ornamentais e caça, sede de comunidades Wapishana ancestrais como Malacacheta, Canauanin e Taba Lascada, a região adjacente à Serra Grande de Caraumã na primeira metade do século XIX era o lar de uma cultura mestiça de vaqueiros, antes mesmo da fundação de Boa Vista. A partir da segunda metade do século XX passou a abrigar, também, pequenos e precários projetos de colonização destinados à produção agrícola.

Palavras-chave: Roraima. Rio Branco. Cartografia histórica. Amazônia colonial. Toponímia. História da paisagem. História ambiental.

ABSTRACT

Although located close to the capital of Roraima, Boa Vista, the mountain known as Serra Grande de Caraumã still conserves a rich natural realm, which makes it an important local tourist attraction. It's a granitic formation with an altitude of approximately 900 meters, overlooking a very flat region of savannas with an average of 80 meters. Serra Grande has always been a notable geographic feature in the landscape for all travelers, having been recorded in travel reports at least since the first half of the 18th century and widely represented in cartography since then. From an ethnohistorical point of view, this paper uses colonial cartography and travelers' reports to reconstruct the trajectory of almost complete erasure of the Carib toponym (Caraumã, or Karau-Tepö, including the peak of Araraquara). Considered an area of potential economic interest in the colonial period for its woods, ornamental birds and game, home to ancestral Wapishana communities such as Malacacheta, Canauanin and Taba Lascada, the region adjacent to Serra Grande de Caraumã in the first half of the 19th century was home to a mestizo culture of cowboys, even before the foundation of Boa Vista. From the second half of the 20th century onwards, it also housed small and precarious colonization projects intended for agricultural production.

Keywords: Roraima. White River. Historical cartography. Colonial Amazon. Toponymy. Landscape history. Environmental history.



INTRODUÇÃO

Na planura dos campos gerais do rio Branco, cobertos pelo lavrado (denominação regional do cerrado), destacam-se algumas serras ou *inselbergs* de granito e basalto, testemunhos de um relevo muito erodido. Pontos de referência nos caminhos do lavrado por muitos séculos, cada uma dessas serras tinha um topônimo nas línguas locais, como o Macuxi e o Wapishana. Alguns desses topônimos ameríndios foram meramente traduzidos para o português, como a Serra da Moça – *Ulidishân-tepö* –, a Serra da Lua – *Kapoi-tepö* em Macuxi ou *Kayzdyky'u* em Wapishana (CARNEIRO, 2007; KOCH-GRÜNBERG, 2006) –, a Serra do Tabaco e a Serra do Mel. Mas alguns foram quase que completamente esquecidos em tempos recentes, como é o caso da mais alta dessas serras próximas à capital de Roraima, Boa Vista: a Serra Grande.

O etnógrafo Theodor Koch Grünberg, no início do século XX, ofereceu a etimologia Caribe do topônimo: a Serra Grande era, para os Macuxi, *Karau-tepö* (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 143). *Tepö* é serra e *karau* é o carão ou garça preta¹, seguindo-se daí que o topônimo original da Serra Grande se traduz como Serra da Garça Preta (figura 1). Por outro lado, *imã*, na verdade, é uma partícula aumentativa em línguas da família Caribe, como o Pemón (ARMELLADA; GUTIERREZ SALAZAR, 2007). É dessa forma que se formou o nome do Monte Roraima (*Roroimã*), por exemplo. *Karau-imã* parece, assim, ter dado origem ao topônimo Carumã para designar a Serra Grande, ou serra da grande garça preta.

A Serra Grande de Carumã mereceu a atenção de povos antigos, desde tempos imemoriais. Diversos sítios arqueológicos pré-coloniais já foram identificados ali (SILVA, 2020). Entretanto, depois da merecer a atenção dos viajantes e servidores da coroa no período colonial e de naturalistas e etnógrafos estrangeiros no período imperial, essa importante forma do relevo foi caindo em um relativo ostracismo.

A ERA DAS DEMARCAÇÕES

A partir de 1750, com o Tratado de Madri, a parte ocidental do estado do Grão-Pará começou a receber mais atenção da coroa portuguesa. Entretanto, a prioridade inicialmente era o rio Negro. Com a Guerra dos Sete Anos, o tratado foi denunciado, e somente em 1777 um novo acordo (Santo Idelfonso) seria celebrado. Nesse ínterim, um período de guerra não declarada entre Portugal e Espanha deu azo a tentativas de expansão por parte dos castelhanos tanto no extremo sul (ALDEN, 1961) quanto no extremo norte da América portuguesa. Rio Grande e a ilha de Santa Catarina foram ocupadas, enquanto no rio Uraricoera e no Tacutu destacamentos espanhóis tentaram fundar povoações, enfrentando resistência indígena. Como se sabe, uma expedição portuguesa foi organizada às pressas no rio Negro e foi bem-sucedida em expulsar os espanhóis em 1776 (HEMMING, 1990). Desse ponto em diante, diversos agentes régios, militares, geógrafos e cientistas buscaram elaborar propostas para o aproveitamento econômico do rio Branco, o que se intensificou com os trabalhos das comissões de demarcação na década de 1780.

Figura 1: Carão (*Aramus guarauna*)²



¹ *Aramus guaraúna*, também conhecida como carão, saracurão (no Rio Grande do Sul), Guaraúna (em Tupi) ou limpkin (em inglês), é uma espécie de ave que ocorre da Flórida até a Argentina e em todos os estados brasileiros. *Tepö*, significando serra, é do léxico Taurepang (Pemón), enquanto o vocábulo Macuxi equivalente seria na verdade *epíng*. Contudo, explicava Koch-Grünberg, os Macuxi que viviam em meio aos Taurepang usavam a palavra *tepö* como se fosse de sua própria língua (p. 138-139).

² <http://www.klimanaturali.org/2011/06/carao-aramus-guarauna.html>. Acesso em 10/4/2022.

Ainda em 1776, por exemplo, o então comandante da fortaleza de São Joaquim no rio Branco, Felipe da Costa Teixeira, procedeu ao exame da Serra do Caraumã, “por ser informado das muitas curiosidades que se lhe dizia que haviam nela”, mas parece não ter encontrado nada que os portugueses considerassem úteis (FERREIRA, 2007, p. 31).

Pouco tempo depois, os famosos exploradores e demarcadores Ricardo Franco de Almeida Serra (engenheiro) e Antônio Pires Pontes (astrônomo), em janeiro de 1781, subiram “n'ella com grande custo, e de cima vimos uma campanha de extensão indeterminavel aos olhos, e para Poente grandes montanhas que hão cortando o campo” (ALMEIDA, 1841). Assim como o desenhista José Codina, que acompanhou o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira em 1787, escreveram “Curumani” ou “Carumani” por Caraumã (figuras 2 e 3). Na viagem pelo rio Branco, depois de passar a foz do rio Mucajáí,

na distância de duas léguas, corre ao longo da margem oriental do Branco a sobredita serra de Curumani, que toda a manhã avistamos; as abas da serra quase que beijam a margem do rio; a serra é comprida e quem sobe rio acima vê que a sua cabeça é mais alta e pelo seu comprimento se vai pouco a pouco rebaixando, cheia de seixos e coberta de mato; pelas abas correspondem-lhe pequenos outeiros etc. e, do Mocajaí, quem observa a margem oriental vê por toda ela diversas cadeias de colinas e outeiros, mais e menos distantes da beirada do rio; dele para ambos os lados se vêem as mesmas. Fomos dormir defronte do meio [da serra de Curumani], no centro dela (FERREIRA, 2007^a, p. 14).

Figura 2: Prospecto da grande Serra do Caraumã, sobre a margem oriental do Rio Branco; na distância de 91 léguas da sua foz, por José Codina, 1787 (FERREIRA, 1971).

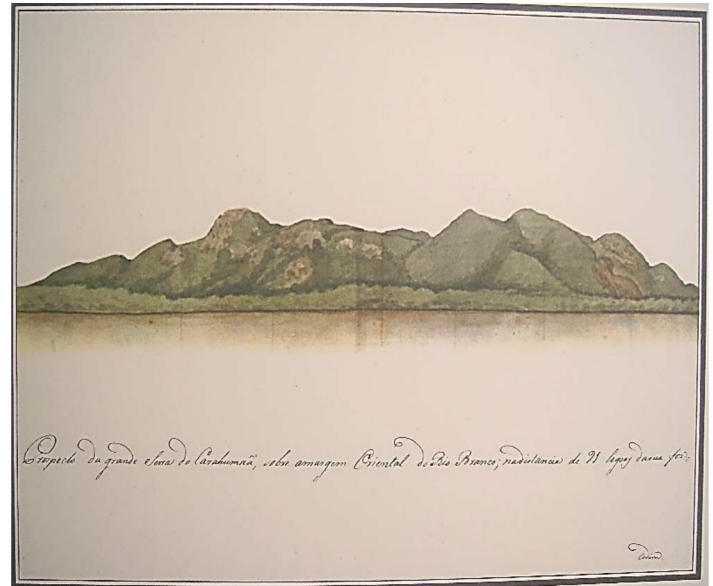


Figura 3: Detalhe do Plano geografico do rio Branco e dos rios Uraricaparã, Majary, Parimé, Tacutú e Mahu, c. 1781³



Alexandre Rodrigues Ferreira notou, nas fraldas dessa serra, a riqueza da caça, a profusão de árvores de paricá e a variedade de valiosos pássaros, cobiçados pela rainha D. Maria I. José Joaquim Freire, um dos desenhistas da expedição ou “Viagem Filosófica” de Alexandre Rodrigues Ferreira, não pôde deixar de destacar a Serra de Carumani (Caraumã) em seu mapa (figura 4), da mesma forma que o matemático Simões de Carvalho (figura 5).

3 PONTES, Antonio Pires da Silva. Plano geografico do rio Branco e dos rios Uraricaparã, Majary, Parimé, Tacutú e Mahu, levantado por ordem do Ilmo. e Exmo. João Pereira Caldas... por Antonio Pires da Silva Pontes... e Ricardo Franco de Almeida Serra... [s.d.]. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart206322/cart206322.jpg. Acesso em: 11 abr. 2022.

Figura 4: Detalhe da Carta geográfica do rio Branco ou Parimé e dos rios Caratirimani, Uararicapará, Majari, Tacutú e Mahú que nelle confluem, 1787⁴



Figura 5: Detalhe da Carta do Rio Branco e suas confluente levantada e construída pelo Dr. em Matemática e Cap. Engenheiro, José Simoens de Carvalho, 1787⁵



É com esse nome (Caraumã ou suas variantes) que a Serra é representada em outros mapas do século XVIII⁶. O porta-bandeira Barata, em 1798, também chama a Serra de Carumã (BARATA, 1846).

EXPLORADORES NO PERÍODO IMPERIAL E REPUBLICANO

Na medida em que o rio Branco continuou sendo praticamente a única via de comunicação (além do distante canal Caciquire e do difícil rio Trombetas) entre o centro da Amazônia e as terras altas da Guayana espanhola/venezuelana e a bacia do Essequibo-Rupununi, pelo menos até a existência de um transporte aéreo regular na década de 1950 e uma rodovia na década de 1970, a Serra Grande de Caraumã dificilmente passaria despercebida para os viajantes que transitavam entre Manaus e a fronteira com os domínios britânicos na Guiana no século XIX e início do século XX.

Quando Robert Schomburgk andou pelo rio Branco, em 1838 (figura 6), confessou estar ansioso para explorar a Serra Grande, por causa de um suposto lago que existiria no cimo desse monte. Desde o relato setecentista de Nicolau Horstmann, em uma nota de rodapé do grande explorador, geógrafo e naturalista Alexander von Humboldt, corriam boatos sobre um lago de água preta, que segundo os moradores dos arredores abrigaria até botos, a quase 900 metros de altitude. Schomburgk não conseguiu encontrar um guia para conduzi-lo até o cimo da serra, pois havia uma superstição de que todo aquele que a escalava sofria uma morte terrível logo em seguida (RIVIÈRE, 2006, p. 274-280). Como estrangeiro e com um olhar muito mais atento à alteridade cultural do que muitos dos viajantes luso-brasileiros que o antecederam, Robert Schomburgk observou também que as pessoas que viviam na região chamavam a Serra de Caraumã de “pai e mãe da chuva”, pois se não estivesse chovendo em nenhum outro lugar, certamente estaria chovendo perto dessa montanha.

4 FREIRE, José Joaquim. Carta geográfica do rio Branco ou Parimé: e dos rios Caratirimani Uararicapará Majari, Tacutú e Mahú que nelle confluem. 1787. 1 mapa ms., desenho a tinta nanquim, 44,5 x 29,5cm em f. 47,2 x 32,3. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart511931/cart511931.html. Acesso em: 11 abr. 2022.

5 CARVALHO, José Simões de. Carta do Rio Branco e suas confluente levantada e construída pelo Dr. em Matemática e Cap. Engenheiro, José Simoens de Carvalho, na ocasião de exame que por ordem regia se executou... 1787. 1 mapa ms, desenho a tinta nanquim, 48 x 38cm em f. 59,8 x 50. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart325607/cart325607.html. Acesso em: 11 abr. 2022.

6 Por exemplo, LEME, Antônio Pires da Silva Pontes. Carta geográfica de projecção espherica orthogonal da Nova Lusitania ou America Portuguesa, e Estado do Brazil. [193-?]. 1 mapa, cópia em ozalid, 136 x 150,1 cm. Escala [ca.1:3.820.000] Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart530285/cart530285.jpg. Acesso em: 11 abr. 2022.

O naturalista foi apresentado, então, ao senhor André Miguel, “patriarca dos vaqueiros do rio Branco”, a quem todos recorriam em busca de conselhos e de conhecimento sobre a região. Fica claro então que nos arredores da Serra de Caraumã começava a se formar uma cultura mestiça de vaqueiros⁷ (figura 7), que se confundiam às vezes no modo de vida e na vida cotidiana com o efetivo militar do forte São Joaquim. O venerável André Miguel aceitou, então, guiar o grupo de Schomburgk para o cimo da serra.

Chegamos a um plano rochoso, inclinado no ângulo de cerca de 40° e bastante suave – ele nos oferecia, no entanto, as esperanças de uma bela perspectiva e, abandonando os sapatos, tentamos subir, e logo chegamos ao topo. A neblina ainda pairava sobre o vale, e apenas os cumes das montanhas Mocajahi, parecendo ilhas erguendo suas cabeças acima do oceano ondulante, eram visíveis. [...] Chegamos ao topo desta colina estávamos novamente num dos planos rochosos [...] notável por uma profusão de belas plantas e arbustos com ramos tortuosos. Nos limites das partes expostas da rocha, pode-se observar a maneira como esses planos estêreis são cobertos com a vegetação mais luxuriante. Líquens, samambaias [...] haviam se estabelecido em fendas onde uma umidade suficiente assegurava seu crescimento; este é o primeiro passo para a vegetação, e o solo vegetal sendo varrido das montanhas mais altas por cada torrente de chuva é aqui contido e se acumula com o tempo. As belas tribos de *Orchideae*, satisfeitas com pouco solo para seu sustento, surgem em seguida; de natureza semelhante são as *Bromeliaceae*, e a decomposição dessas plantas densamente entrelaçadas já produz solo suficiente para fornecer nutrição aos arbustos (RIVIÈRE, 2006).

Graças ao conhecimento geográfico seu intérprete Pauxiana, chamado Sororeng, o naturalista alemão observou as serras e terras a

grande distância e foi informado de seus nomes, que utilizaria no detalhado mapa que elaborou depois:

Subi, no entanto, a uma das árvores com a bússola de Kater em minha mão e, tendo me acomodado o máximo que as circunstâncias permitiram, comecei a vasculhar a região circundante, e Sororeng, meu intérprete indígena, um pauxiano de nascimento, que está muito bem informado sobre a região, apontou-me as diferentes montanhas. (RIVIÈRE, 2006).

Depois de alguns dias de exploração pelo alto da serra, Robert Schomburgk concluiu que “um lago alpino estava fora de questão, e a água, que durante as torrentes de chuva desce aos borbotões, deve ter dado origem à fábula” (p. 288).

Figura 6: Detalhe do Mapa da Guiana elaborado por Robert Schomburgk, 1840 (RIVIÈRE, 2006, p. 234).



Na década de 1880, dois outros viajantes passariam por ali. Descrevendo a beleza do amanhecer no Cantá (na Comunidade Wapishana de Malacacheta), Henri A. Coudreau pintou com belas cores a região a leste da Serra de Caraumã em 1884:

O campo se transformava em um lago de ouro. As cordilheiras da Cachoeira, Conceição, Yauari, Cairí, de um azul

⁷ Essa cultura seria objeto de um interessante estudo etnográfico na década de 1960 (RIVIÈRE, 1972).

intenso, dourado nos pontos mais altos, nos roubavam os mistérios da Terra do Levante. O ar é fresco, o céu sorridente, os montes são nobres e solenes, a calma, a alegria de viver desce do alto. 'Caïmêne', me diz a jovem Deesuli. Ela tem razão: é muito belo, com efeito. Não há uma alma tão amargurada que não se sinta renascida aqui. Recomendo aos poetas elegíacos, se eles ainda existem (COUDREAU, 1886, p. 31).

Figura 7: vaqueiro do rio Branco (OURIQUE, 1906).



Em 1911, Theodor Koch-Grünberg assim se referiu a esse acidente geográfico, subindo o rio Branco:

em frente à outra margem ergue-se imponente a Serra do Caruman, rica, segundo me contam, de caça de toda espécie. É um segmento de depósitos graníticos, de vertentes escarpadas e agrestes, com direção geral S.E - N.O., que se ergue numa planície coberta de matas e alternada com campos (STRADELLI, 1889, p. 254).

Navegamos ao longo da bonita serra Aracuara, que se estende bem junto da margem esquerda. Ela constitui o sopé sudoeste do maciço de Carumã, de no mínimo mil metros de altura, também chamado de serra Grande, o símbolo do alto rio Branco. A serra vestiu uma capa de névoa. De suas encostas escarpadas cai água em quedas isoladas até o vale (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 39).

Apesar de próxima da então jovem vila de Boa Vista, a serra muito pedregosa e inapta para a pecuária não parecia ser objeto de disputas de terras no início do século XX, pois um acontecimento da época sugere que ainda eram terras sem muitos posseiros: pressionados pelos fazendeiros que controlavam o poder político em Boa Vista e em busca de refúgio para desenvolver o trabalho missionário, em 1917 os monges beneditinos pediram ao governo do Amazonas a concessão de "terras devolutas" na Serra Grande para a construção de uma escola prática no seu sopé⁹. E, com efeito, o viajante Joaquim Gondin encontrou ali, quatro anos depois, as instalações dos monges:

Logo no ano seguinte, o Conde Ermanno Stradelli pôde contemplar a Serra desde a boca do rio Mucajaí, na margem direita do rio Branco:

No século XX, pelo menos três fontes importantes denominam a serra (ou a parte mais alta do maciço de Caraumã) de Araraquara⁸ (GUERRA, 1957; KOCH-GRÜNBERG, 2006; OURIQUE, 1906), topônimo que parece estar esquecido atualmente. Jacques Ourique assim se refere a ela, no álbum oficial "O Valle do Rio Branco" (OURIQUE, 1906). Nessa obra, entre um conjunto de fotografias de George Huebner, figura o célebre retrato de um vaqueiro do rio Branco (figura 7), que seria por várias décadas a base para a representação desse tipo cultural (ANGOTTI-SALGUEIRO, 2005). Nessa altura, a cultura dos vaqueiros do rio Branco (com a qual conviveram os irmãos Schomburgk na década de 1840) já tinha se espalhado por grande parte da região dos campos (savanas), agudizando a violência contra os povos indígenas – completamente omitida na obra oficialista de Ourique, mas explicitada por etnógrafos estrangeiros (KOCH-GRÜNBERG, 2006) e pelo próprio patrono nacional da causa indigenista (RONDON; VIVEIROS, 2010, p. 496-500).

⁸ Araraquara significa refúgio das Araras em Tupi (SAMPAIO, 1987), o que indica a influência de viajantes falantes da Língua Geral Amazônica ou Nheengatu, já que não havia falantes nativos de Tupi no rio Branco.

⁹ Jornal A Capital, Manaus, ano 1, número 9, 24/7/1917, p. 1.

Acima de Caracaraí, no alto rio, o espírito do observador sente uma sensação indizível, com o desdobramento de novos cenários, e começa, então, a ver as primeiras cordilheiras, que, na plenitude do seu azul, parecem embeber-se no azul do céu mudo e impassível. Uma das maiores e a mais bela de todas é a Serra Grande, que fica à margem esquerda do rio, deixando rolar pelo seu leito coleante fios da água cristalina e belas catadupas que se despenham, com as chuvas, do cimo altaneiro, formando um labirinto original e simulando miragens de um encanto surpreendente. Ao sopé dessa serra, que fica a oitocentos metros acima do nível do mar, demoram o edifício principal, a capela e várias barracas da prelazia de Rio Branco, a cargo da ordem de São Bento. Esse lugarejo tende a progredir, dado o desvelo e a dedicação com que os missionários, aproveitando o concurso braçal de habitantes pobres, que ali vivem, procuram intensificar a lavoura com o aproveitamento das terras situadas na aba da cordilheira e fertilizadas pelas águas do rio (GONDIM, 2001, p. 8).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contrário do que imaginava Joaquim Gondim em 1921, o estabelecimento dos beneditinos na Serra Grande de Caraumã caiu no olvido geral. Na década de 1950, o interesse oficial deslocou-se mais para leste, incentivando a colonização agrícola na Serra da Lua e na colônia Braz de Aguiar, que daria origem ao município do Cantá na década de 1980. Nessa época, as 80 famílias – na maioria migrantes de outros estados – que moravam na área de colonização denominada Serra Grande I e II (SANTOS, 2013) sofriam com o abandono, grande incidência de malária (Folha de Boa Vista, 26/7/1985, p. 3; 17/8/1992, p. 11), falta de água, remédios, combustível e máquinas agrícolas (Folha de Boa Vista, 25/5/1988, p. 3). Como em outras partes do estado, apesar da proximidade

de três importantes comunidades Wapishana, os vínculos históricos da Serra Grande de Caraumã com as culturas ameríndias foram apagados na segunda metade do século XX.

REFERÊNCIAS

- ALDEN, D. The Undeclared War of 1773-1777: Climax of Luso-Spanish Platine Rivalry. *The Hispanic American Historical Review*, v. 41, n. 1, p. 55-74, 1961.
- ALMEIDA, F. J. DE L. E. *Diario da viagem do Dr. Francisco Jose de Lacerda e Almeida pelas capitânicas do Para, Rio Negro, Matto-Grosso, Cuyaba, e S. Paulo, nos annos de 1780 a 1790*. São Paulo: Na Typ. de Costa Silveira, 1841.
- ANGOTTI-SALGUEIRO, H. A construção de representações nacionais: os desenhos de Percy Lau na *Revista Brasileira de Geografia* e outras “visões iconográficas” do Brasil moderno. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, v. 13, n. 2, p. 21-72, dez. 2005.
- ARMELLADA, FR. C. DE; GUTIERREZ SALAZAR, FR. M. *Diccionario Pemón*. Caracas: Universidad Católica Andrés Bello, 2007.
- BARATA, F. J. R. *Diário da viagem a Colônia Holandesa de Surinam, feita pelo porta-bandeira da sétima companhia do regimento da cidade do Pará, pelos sertões e rios d’este Estado, em diligencia do Real Serviço*. *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, v. VIII, p. 1-53, 1798 1846.
- CARNEIRO, J. P. J. A. *A morada dos Wapixana - Atlas toponímico da região indígena da Serra da Lua (RR)*. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007.
- COUDREAU, H. A. *Voyage au Rio Branco aux Montagnes de la Lune au haut Trombetta (Mai 1884-avril 1885)*. Rouen: Imprimerie de Espérance Cagniard, 1886.
- FERREIRA, A. R. *Viagem filosófica pelas capitânicas*

- do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. Iconografia: Geografia e antropologia. [s.l.] Conselho Federal de Cultura, 1971.
- FERREIRA, A. R. Viagem ao Brasil: A expedição Philosophica pelas Capitanias do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuyabá. Tomo IV Vol. III. São Paulo: Kapa, 2007a.
- GONDIM, J. Através do Amazonas: impressões de viagens realizadas em 1921. 2. ed. [s.l.] Edições Governo do Estado do Amazonas, 2001.
- GUERRA, A. T. Estudo geográfico do Território do Rio Branco. [s.l.] Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1957.
- HEMMING, J. How Brazil acquired Roraima. *The Hispanic American Historical Review*, v. v. 70, n. 2, p. 295–325, 1990.
- KOCH-GRÜNBERG, T. Do Roraima ao Orenoco. São Paulo: Unesp, 2006.
- OURIQUE, J. O valle do Rio Branco. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1906.
- RIVIÈRE, P. *The Forgotten Frontier: Ranchers of North Brazil*. [s.l.] Holt, Rinehart and Winston, 1972.
- RIVIÈRE, P. *The Guiana Travels of Robert Schomburgk, 1835-1844: Explorations on Behalf of the Royal Geographical Society, 1835-1839*. Londres: Ashgate Publishing. Hakluyt Society, 2006.
- RONDON, C. M. DA S.; VIVEIROS, E. DE. *Rondon conta sua vida*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2010.
- SAMPAIO, T. *O Tupi na Geografia Nacional*. São Paulo. Brasília: Editora Nacional. INL, 1987.
- SANTOS, N. P. D. *Política e poder na Amazônia: o caso de Roraima (1970-2000)*. Boa Vista: Editora UFRR, 2013.
- SILVA, W. F. L. E. *Relatório de Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico da UHE Bem Querer*. Boa Vista: Empresa de Pesquisa Energética, 2020.
- STRADELLI, E. Rio Branco: notte di viaggio. *Bolletino della Societa Geografica Italiana*, v. 3, p. 210–266, 1889.